



Camila Bianca Figueiredo Azevedo, Joseny Alves Fagundes, Angela Fernanda Santiago Pinheiro

Introdução

Este trabalho surgiu a partir de questionamentos a respeito da percepção de psicólogos em relação ao uso de psicofármacos aliados à psicoterapia. Desta forma, objetivou-se, compreender como os psicólogos inseridos na Secretaria Municipal de Saúde de Montes Claros- MG, no ano de 2015, veem estes três eixos pertinentes: psicoterapia, psicofármacos e a relação existente entre eles.

O tratamento psicoterápico difere do Psicofarmacológico. Trata-se, então, de um assunto polêmico e multifacetado, uma vez que, provavelmente, existem Psicólogos concordantes com o uso e com a eficácia dos psicoterápicos paralelamente à psicoterapia e outros discordantes (GENTIL; COLS, 2007 *apud* FERRAZZA *et al* [1], 2010). A psicoterapia já é um efetivo recurso de mudança e, com a força do contato humano e dos psicofármacos, quando necessários, garante a eficácia do tratamento (BEZERRA [2], 2010). A patologia pode ser considerada objetiva. Porém, essa percepção não faz com que o paciente seja desprovido de subjetividade. Desta forma, há necessidade de que este seja visto além do fator biológico (CANGUILHEM [3], 2006). “Isto nos permite sonhar com um futuro no qual a escolha do medicamento ou a indicação de psicoterapia sejam feitas, especificamente, analisando as condições de cada paciente, caso-a-caso” (BEZERRA [2,1], 2010, p. 2).

Material e Métodos

Trata-se de um estudo do tipo quantitativo e qualitativo, de corte transversal, com enfoque exploratório e delineamento de estudo de caso. Foi realizado por meio de uma análise de 24 questionários de Psicólogos no período compreendido entre Janeiro e Julho de 2015. Esta pesquisa apresenta uma amostra censitária, pois a pesquisa foi realizada com todos os Psicólogos, inseridos na Secretária Municipal de Saúde, que se disponibilizaram a participar da pesquisa. Foi utilizado um questionário misto, com 7 questões. Este contém uma combinação de questões fechadas e abertas. Foi aplicado individualmente, nas próprias instituições na qual o Psicólogo está inserido. Também foi utilizado, o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido.

Inicialmente, o projeto foi elaborado e apresentado a Banca de Qualificação do Curso de Graduação em psicologia da Faculdade de Saúde Ibituruna-FASI. Aprovado pela Banca, o Projeto foi, então, encaminhado ao Comitê de Ética. Após a aprovação do comitê de Ética, o primeiro contato com os psicólogos foi iniciado, através do qual foi apresentado e explicado o objetivo do projeto e do Termo de Consentimento Livre Esclarecido, ressaltando sobre a importância e comprometimento com o sigilo. O termo foi assinado a partir da concordância dos psicólogos sobre a pesquisa. Por conseguinte, foi agendado o dia e o local para a aplicação do questionário, de acordo com a disponibilidade do psicólogo. Cada questionário foi aplicado, individualmente, e, após a aplicação, os dados coletados foram analisados e apresentados como resultado nesta pesquisa. Por conseguinte, foi dada uma devolutiva aos psicólogos através da Secretária Municipal de Saúde de Montes Claros-MG.

Cumpramos ressaltar que a cidade de Montes Claros foi escolhida como cenário para esta pesquisa, pela disponibilidade e acessibilidade das pesquisadoras ao objeto de estudo, ou seja; trata-se de uma amostragem por conveniência e, por Montes Claros tratar, também de uma cidade que teve importância fundamental na Reforma Sanitária Brasileira.

Resultados e Discussões

Os serviços no qual os psicólogos estão inseridos e que responderam ao questionário foram o Consultório na Rua, Melhor em Casa, Centro de Atenção Psicossocial - CAPS II, Centro de Atenção Psicossocial - CAPS AD, Centro de Reabilitação para Idosos, Centro de Referência em Doenças Infecciosas, Centros de Saúde dos Bairros São Judas, Antônio Pimenta, Independência, Santos Reis, Planalto, Major Prates, Maracanã, Vera Cruz e Esplanada e a Coordenadora de Saúde Mental de Montes Claros-MG.

Dos vinte e quatro psicólogos que responderem os questionários, quinze são atuantes pela abordagem da Psicanálise, dois pela Teoria Cognitivo-Comportamental – TCC, um pela Teoria Multifocal de Augusto Cury, dois pela Gestalt, um pela Sistêmica, um pela Abordagem Analítica e um pela Análise do Comportamento. Foi observado então, que mesmo com avanço de outras teorias que embasam a psicologia, ainda há um número maior de psicanalistas atuantes nos Serviços de Saúde da Prefeitura de Montes Claros-MG.



Através da discussão e dos resultados, foi possível compreender, através da Fig. 1 que, a maioria dos psicólogos percebem os psicofármacos como auxiliares no processo psicoterápico. Percebe-se então que, não há um grande impasse quanto à percepção dos psicofármacos como auxiliares no processo psicoterápico.

Foi observado também, através da análise da Fig. 3 que, os psicólogos compreendem a relação com os psiquiatras, como “Necessária” e de “Parceria”. Essa compreensão é importante, pois a participação e o envolvimento de todos os profissionais na assistência à saúde favorece melhor disponibilidade destes para com os seus pacientes. Além disso, o atendimento à saúde necessita de uma resolutividade, uma vez que, é essencial uma solução dos problemas de saúde para a humanização da assistência (HOGA [4], 2004). No entanto, alguns psicólogos colocaram que existem dificuldades na relação com os psiquiatras, existindo um distanciamento e uma supervalorização do saber médico. Essas questões surgem então, com uma competição entre estes profissionais ao considerarem que os seus saberes são superiores aos demais, caracterizando assim, uma resistência ao progresso terapêutico (SAFFER [5], 2007).

Para os psicólogos, a responsabilidade desse distanciamento, em grande parte, é dos psiquiatras. Contudo, surge um questionamento de que, se essa aproximação deve ser feita apenas pelo psiquiatra ou por ambos os profissionais. Além disso, para que o psicólogo seja reconhecido nessa relação profissional, é necessário que este, faça reconhecer o seu saber, demonstrando sua importância no tratamento psicoterápico. Esta questão é explicada pelo fato de que, a primeira condição para um trabalho disciplinar do psicólogo, é a clareza quanto as suas atribuições e quanto às expectativas da sua especificidade (ROMANO [6], 1999).

Conclusão/Conclusões

Esta pesquisa possibilitou compreender como encontra-se, atualmente, o cenário do atendimento psicológico na rede da Secretaria Municipal de Saúde de Montes Claros- MG. Tornou possível também, uma reflexão a respeito do tema, pois, ao conhecer a percepção dos Psicólogos sobre os psicofármacos aliados à psicoterapia e sobre a relação Psicólogo/Psiquiatra, novas formas de pensar e agir do Psicólogo, em seu contexto de trabalho, foram possibilitadas.

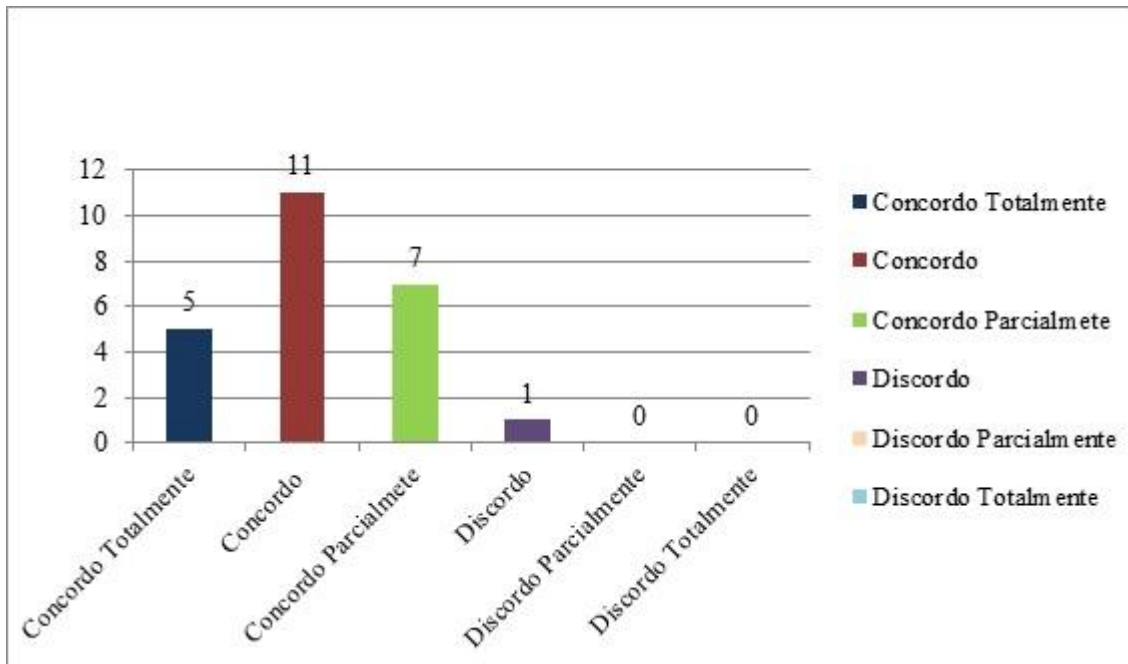
Por fim, acredita-se que este trabalho alcançou seu objetivo, visto que, possibilitou compreender como encontra-se, atualmente, o cenário do atendimento psicológico na rede da Secretaria Municipal de Saúde de Montes Claros- MG. Tornou possível também, uma reflexão a respeito do tema, pois, ao conhecer a percepção dos psicólogos sobre os psicofármacos aliados à psicoterapia e sobre a relação psicólogo/psiquiatra, novas formas de pensar e agir do psicólogo, em seu contexto de trabalho, foram possibilitadas. Além disso, foi percebido pelas pesquisadoras ao longo da confecção deste trabalho, dificuldades em encontrar estudos científicos sobre o tema. Desta forma, esta pesquisa contribui à ciência psicológica e ao trabalho do psicólogo.

Referências

- [1] FERRAZZA, D. A. *et al.* A banalização da prescrição de psicofármacos em um ambulatório de saúde mental. Vol. 20, n. 4, p. 381-390, **Universidade Estadual Paulista Júlio Mesquita Filho**, Assis, 2010. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/paideia/v20n47/a10v20n47.pdf>>.
- [2] BEZERRA, M. L. M. Psicofarmacologia e psicoterapia: mitos, benefícios e interferências. **Centro Reichiano**, Curitiba, 2008. Disponível em: <<http://www.centroreichiano.com.br/artigos/Anais%202008/Maria%20L%20C%20Bacia%20Maranh%C3%A3o%20Bezerra%20-%20Psicofarmaco.pdf>>.
- [3] CANGUILLHEM, G. *O Normal e o Patológico*: Traduzido por Maria Tereza Redig de Carvalho Barrocas. 6. Ed, Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2006.
- [4] HOGA, L. A. K. A dimensão subjetiva do profissional na humanização da assistência à saúde: uma reflexão. **Revista da Escola de Enfermagem da USP**, v. 38, n. 1, p. 13-20, 2004. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/reeusp/v38n1/02.pdf>>.
- [5] SAFFER, P. L. O desafio da integração psicoterapia-psicofarmacoterapia: aspectos psicodinâmicos. **Revista de Psiquiatria do Rio Grande do Sul**, Porto Alegre, 2007. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0101-81082007000200015&script=sci_arttext>.
- [6] ROMANO, B. W. **Princípios para a prática da psicologia clínica em hospitais**. São Paulo: Casa do Psicólogo, 1999.



Figura 1. Você percebe os psicofármacos como auxiliares no processo psicoterápico?

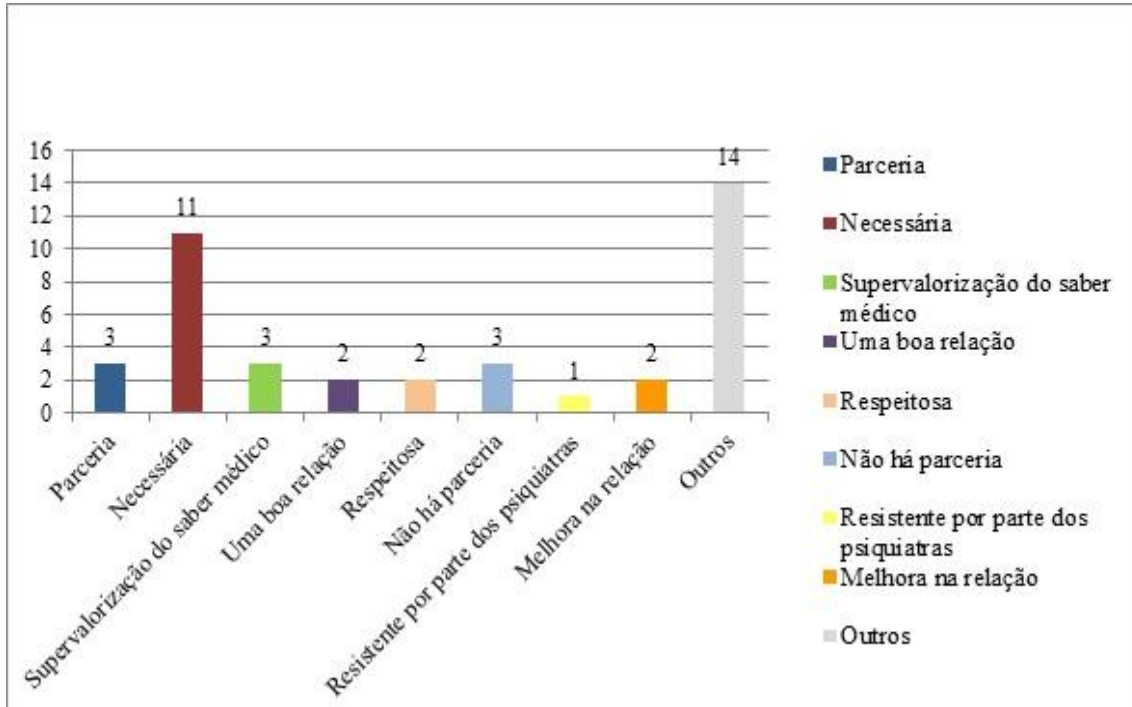


Fonte: Elaborado pelas autoras com dados de 2015, coletados através de questionários aplicados em psicólogos da Secretária Municipal de Saúde de Montes Claros - MG.

Figura 3. Como você percebe a relação entre psicólogos e psiquiatras, no âmbito da saúde mental?



A HUMANIZAÇÃO NA CIÊNCIA, TECNOLOGIA E INOVAÇÃO



Fonte: Elaborado pelas autoras com dados de 2015, coletados através de questionários aplicados em psicólogos da Secretária Municipal de Saúde de Montes Claros - MG.